

“Vós sois meus amigos” (Jo 15,14): uma perspectiva bíblica sobre a amizade

“You are my friends” (Jn 15:14): A Biblical Perspective on Friendship

DOM BASÍLIO DA SILVA, OSB*

Resumo: A perspectiva bíblica sobre a amizade tem o seu ponto de partida no ato criador de Deus, descrito no Livro de Gênesis, e à luz da revelação apresenta as diversas nuances da amizade para exprimir o dom da Aliança feito aos homens. Desse processo decorre a reflexão veterotestamentária sobre a amizade humana, formando um quadro com descrições realistas sobre a verdadeira face da amizade. No Novo Testamento, o Evangelho joanino apresenta uma profunda perspectiva sobre a amizade, desta vez iluminada pela Páscoa do Salvador. As palavras e as ações de Jesus formam o caminho pelo qual o discípulo progressivamente entra no Mistério Pascal e tem a sua natureza transformada pela força da Palavra de Cristo, que declara aos seus discípulos: “Vós sois meus amigos” (Jo 15,14).

Palavras-chave: Amizade. Cristo. Revelação. Aliança. Páscoa.

Abstract: The biblical perspective on friendship has its starting point in God’s creative act, described in the Book of Genesis, and in the light of revelation presents the various nuances of friendship to express the gift of the Covenant made to mankind. From this process stems the Old Testament reflection on human friendship, forming a picture with realistic descriptions of the true face of friendship. In the New Testament, the Johannine Gospel presents a profound perspective on friendship, illuminated by the Savior’s

* D. Basílio da Silva, OSB é Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università Gregoriana de Roma, professor junto ao Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e professor de Sagrada Escritura e Grego Bíblico da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ). Contato: d.basilio@corporativo.msbrj.org.br

Passover. The words and actions of Jesus form the path by which the disciple progressively enters into the Paschal Mystery and has his nature transformed by the power of the Word of Christ, who declares to his disciples: “You are my friends” (Jn 15:14).

Keywords: Friendship. Christ. Revelation. Covenant. Easter.

Introdução

A revelação neotestamentária utiliza em grande parte o vocabulário grego para exprimir a visão do Antigo Testamento sobre a amizade, tendo como ponto de partida a pessoa e as obras de Jesus Cristo¹. Por sua vez, a contribuição veterotestamentária sobre o tema da amizade abarca um vasto campo de experiências, sem deixar claro o papel de Deus nessa dinâmica humana.

A perspectiva bíblica sobre a amizade contempla em seu horizonte muito mais do que um conjunto de relações humanas motivadas por afinidades políticas, culturais ou mesmo religiosas. Utilizando o vocabulário próprio de cada época e região, a revelação bíblica testemunha o progressivo caminhar do ser humano em vista da sua total transcendência no Deus que se revelou à humanidade.

A amizade é compreendida, portanto, como o primeiro movimento de abertura de Deus em favor da sua obra, criando o ser humano à sua imagem e semelhança e concedendo-lhe a vida. O ato criador de Deus é a expressão incomensurável da sua amizade.

Contudo, o IV Evangelho assinala decisivamente um divisor de águas na temática da amizade dentro da Sagrada Escritura, colocando em Jo 15,13-15 a mais alta revelação do amor de Deus que se doa por seus amigos. A Páscoa se torna a chave hermenêutica por excelência da dinâmica da amizade vivida na Nova Aliança.

1 O campo semântico da amizade na Sagrada Escritura

A amizade se faz presente na revelação bíblica por meio de um campo semântico que reflete não somente uma concepção cultural, mas, sobretudo, uma dinâmica relacional enriquecida pelo dom da Aliança que Deus fez com

¹ Como obra referencial em língua portuguesa sobre o tema da amizade, merece destaque a densa pesquisa realizada por Darlan Aurélio de Aviz, “*Não mais servos, mas amigos*” (Jo 15,15): Uma abordagem teológica da amizade à luz do mistério de Cristo.

o ser humano (RZEPKA, 2022, p. 505). Neste sentido, o Texto Massorético coloca a vivência da amizade sob o amplo prisma do termo אַהֲבָה (amor). A amizade passa a ser compreendida fundamentalmente como uma experiência ou nuance de uma realidade que ultrapassa o próprio indivíduo em relação ao seu אַחֵיךָ (amigo) (1Sm 18,3; 20,17; 2Sm 1,26; 15,37; 16,16).

Por outro lado, a Sagrada Escritura largamente citada no IV Evangelho, a LXX, exprime a mesma realidade por meio do campo semântico derivado da raiz φιλ- (por exemplo φιλέω, φίλος, φιλία) que possui o significado original de “pertença a alguém”, dando ao verbo φιλέω o sentido primário de “estimar alguém como um dos seus”. Assim sendo, o verbo φιλέω exprime inicialmente a noção dinâmica de *reciprocidade* ou *agregação*, expandindo socialmente a realidade afetiva do seu agente (STÄHLIN, 1975, p. 113-115). A LXX reproduziu no âmbito bíblico a correspondência semântica então existente entre φιλέω e ἀγαπάω, dando-lhes o sentido genérico de “amar” (Gn 37,4; Pr 29,3; Tb 6,19), tal como se verifica no IV Evangelho.

O termo φίλος (amigo), usado tanto como substantivo como adjetivo, mantém o sentido fundamental da sua raiz dando origem a uma vasta gama de nuances, partindo da realidade pessoal àquela política. O mesmo se dá com o substantivo φιλία (amizade) que, ao exprimir plenamente o sentido contido em sua raiz, prepara um rico campo semântico que perpassa primeiramente o sentido de κοινωνία (comunhão) no âmbito familiar, prolongando-se a toda forma de relação interpessoal (STÄHLIN, 1975, p. 144-148). Em sua *Ética a Nicômaco* (8,8.9), Aristóteles (ARISTOTELE; FERMANI, 2008, p. 810. 814) condensa esta realidade afirmando que “μᾶλλον δὲ τῆς φιλίας οὔσης ἐν τῷ φιλεῖν” (a amizade consiste sobretudo no amar), “ἐν κοινωνίᾳ γὰρ ἡ φιλία” (na comunhão, pois, está a amizade) ou “ἰσότης καὶ ὁμοιότης φιλότητος” (amizade é igualdade e semelhança).

2 Dinâmica criacional e amizade em Gn 1,1–2,4a

O relato criacional de Gn 1,1–2,4a apresenta ao leitor de todos os tempos uma visão da origem de todas as coisas. Nesse sentido, o seu gênero literário pode ser definido hoje com clareza como uma narrativa poética que, utilizando a linguagem própria do século VI-V a.C., deseja exprimir uma visão nova da realidade, a partir da própria revelação divina feita a Israel.

O ápice da obra criacional de Deus é o ser humano (Gn 1,26-27). O texto bíblico não deixa dúvidas a respeito da dignidade desta criatura, ao narrar o diálogo divino quando afirma: “ façamos o homem à nossa imagem, como nossa

alma de Jônatas se uniu a Davi e Jônatas o amou como a sua alma” (1Sm 18,1). A partir desse momento, o narrador apresenta ao leitor a amizade entre Davi e Jônatas como realização de uma verdadeira aliança (1Sm 18,3), compreendendo a entrega do manto que vestia, sua roupa, suas armas e o cinturão (1Sm 18,4), deixando claro que se tratava de uma aliança de caráter militar (AULD, 2011, p. 213-214; ROWE, 2012, p. 80-90).

Este aspecto é relido pelo narrador como justificativa para a ascensão de Davi ao trono real: este não foi um usurpador, mas o próprio herdeiro do trono de Saul, Jônatas, o reconheceu como escolhido de Deus para reinar sobre Israel (1Sm 20,11-17). A aliança selada entre Jônatas e Davi é apresentada em termos expressivos: Jônatas amava Davi “*como a si mesmo*” (1Sm 18,3), Jônatas “*tinha muita afeição por Davi*” (1Sm 19,1), o amava “*com toda a sua alma*” (1Sm 20,17) e para Davi a amizade de Jônatas “*era mais cara do que o amor das mulheres*” (2Sm 1,26). Qual o sentido dessas expressões?

Em Dt 13,7 a amizade é apresentada como a relação em que o amigo “*é como tu mesmo*”, conotando uma relação de semelhança. Outro texto que ilumina a problemática da amizade entre Davi e Jônatas se encontra em Lv 19,18, em que o mandamento “*ama o teu próximo como a ti mesmo*” deve selar a dinâmica relacional do povo eleito a partir do princípio da reciprocidade. Este princípio é traduzido pela literatura sapiencial bíblica como amor à sabedoria, por quem os “*reïnham os reis*” (Pr 8,16).

Para o narrador, Jônatas e Davi exprimiram com sua amizade, portanto, uma relação de perfeita semelhança com o próximo e de manifestação da sabedoria divina, tornando esse exemplo humano de amizade uma forma de afeto que se distingue do “*amor das mulheres*” (2Sm 1,26), que se exprimia sendo, de fato, “*uma só carne*” (Gn 2,24). Logo, a amizade entre duas pessoas à luz da revelação bíblica supõe a total autonomia e distinção entre os amigos.

4 A amizade nos livros sapienciais

A sabedoria de Israel parte também da observação da natureza para chegar à reflexão sobre Deus e a sua ação no mundo por ele criado². As relações sociais são uma realidade cara a esse gênero de sabedoria, pois revela a verdadeira face da natureza humana.

² Vale a pena ressaltar o valor dos “diálogos” de Jó com seus amigos a respeito da ação de Deus na natureza, para chegar à compreensão do sentido do sofrimento do justo. O próprio Jó chega à evidência da ação de Deus e do sentido do sofrimento somente quando Deus lhe manifesta a sua criação (Jó 38,1-42,6).

O tema da amizade não poderia estar longe da reflexão dos sábios de Israel. Ela é vista em uma gama de situações, passando de uma alta consideração do amigo ("em toda ocasião, ama o amigo": Pr 17,17) como realização do mandamento de amar o próximo (Lv 19,18); a convivência com o amigo é melhor do que o conselho (Pr 27,9); ele não deve ser abandonado (Pr 27,10); até a consideração prudente da amizade, que pode enganar: "há amigos que levam à ruína e há amigos mais amados do que um irmão" (Pr 18,24).

O salmista também conhece o problema da traição de um amigo, pois que "levantou o calcanhar contra mim" (Sl 41,10). Nesse contexto, Deus se mostra o verdadeiro amigo do salmista (Sl 41,11), aquele que ergue o caído e o mantém íntegro em sua presença (Sl 41,12-14). O falso amigo se manifesta ao salmista traindo a confiança estabelecida, ou seja, rompendo a aliança entre eles, se tornando-se pior que o inimigo (Sl 55,13-15).

Contudo, é o livro do Eclesiástico (OLYAN, p. 95-107) que reúne uma preciosa síntese sapiencial sobre a amizade (Eclo 6,5-17), restabelecendo-a em sua dignidade: o amigo deve ser um entre mil (v. 6) e provado (v. 7), por isso se deve ter uma grande cautela ao escolhê-lo (vv. 8-13); somente assim ele poderá ser considerado um amigo fiel, um verdadeiro refúgio que não tem preço e, portanto, é comparável a um bálsamo (vv. 14a.16); o amigo fiel é um verdadeiro tesouro (v. 14b) que somente será encontrado por quem teme a Deus (v. 17).

De fato, a amizade vista sob a luz da sabedoria de Israel reflete os elementos fundamentais da amizade entre Davi e Jônatas, enriquecendo-a do elemento divino que passa a ser o critério essencial para discernir a amizade segundo a revelação bíblica. Esta, por sua vez, apresenta ao fiel a realidade da amizade coordenada por um terceiro elemento que lhe dá coesão e valor intrínseco, isto é, Deus; a amizade humana passa, então, a refletir *mutatis mutandis* a própria aliança entre Deus e o seu povo.

Em suma, o percurso veterotestamentário feito até agora permite ao leitor atento da Sagrada Escritura reconhecer que a amizade entre Deus e o ser humano desfrutou de uma evolução capaz de transformar a própria amizade em uma verdadeira aliança entre as partes envolvidas, culminando com o evento da aliança sinaítica (Ex 19,1-20,21), que define esta relação de modo ímpar. Por outro lado, a amizade entre pessoas é avaliada e conduzida a bom termo somente na medida em que se deixa iluminar pela aliança e sabedoria de Israel.

5 A redenção da amizade: a Páscoa de Cristo

No Novo Testamento a própria pessoa de Cristo é o elemento que caracteriza a novidade trazida ao conceito e à vivência da amizade. Os Sinóticos apresentam este tema associando Jesus aos pecadores, pois ele é “amigo de publicanos e pecadores” (Mt 11,19; Lc 7,34), e condena os escribas e fariseus que “amam (φιλοῦσιν) os primeiros lugares” (Mt 23,6) e o dinheiro (Lc 16,14); os amigos são também os que entregarão à morte os seguidores de Cristo (Mc 14,45; Lc 21,16) e com um gesto de amizade (φίλημα) Judas entregou Jesus aos soldados (Lc 22,48-54). O tema da amizade no Novo Testamento tem o seu vértice cristológico em dois textos joaninos: Jo 15,13-15; 21,15-17.

Em Jo 13,1-17,26 encontra-se a assim chamada “oração sacerdotal de Jesus” que abre o Livro da Glorificação e prepara a narração da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Todavia, o capítulo 15, segundo a crítica literária, parece deslocar-se sensivelmente da narração iniciada no capítulo 13, formando uma espécie de “corte narrativo” (KEENER, 2003, p. 897; CARRACEDO, 2022, p. 112). Justamente nesse capítulo destaca-se o tema da videira (Jo 15,1-8) que, por meio de uma metáfora proveniente da botânica, exprime a plena união de Jesus com os seus discípulos.

Esta metáfora da união é compreendida como expressão da realidade do amor (ἀγάπη) que une os discípulos a Jesus (Jo 15,9-12), caracterizando o amar o próximo como o mandamento de Jesus (v. 12). De fato, para a Nova Aliança que estava sendo selada, era necessário haver um novo documento que a sigile e a regule, explicitando os direitos e deveres de cada parte. Para tanto, o amor corresponde a essa necessidade paradigmática de cunho legislativo-salvífico inaugurada por Jesus Cristo (Jo 13,34).

Em Jo 15,13-15 encontra-se o cerne da dinâmica pascal aplicada à amizade: esta agora passa a ser reconhecida pelo ato de dar a vida pelos amigos (v. 13), isto é, a amizade é redefinida à luz do que o próprio Jesus estava para fazer na Cruz, enquanto glorificação do Pai. Tal dinâmica salvífica redefine a amizade, superando claramente a concepção de amizade (φιλία) que Aristóteles, por exemplo, havia compreendido largamente como qualquer tipo de afeto que se tem por alguém caro (KONSTAN, 1997, p. 67-72). À luz da Páscoa de Cristo, a amizade passa do afeto à doação da própria vida, dando à amizade uma conotação vital que a assemelha ao amor que “circula” pela verdadeira videira (Jo 15,1).

O v. 14 tem a função literária de ser a ligação ou o ponto de articulação entre os vv. 13.15. Tem-se aqui uma afirmação categórica de que os discípulos

são, a partir de agora, os amigos (φίλοι μου ἔστε) de Jesus, desde que tornem realidade ou ponham em prática o período hipotético estabelecido pela conjunção subordinante “se” (ἐάν), permitindo testemunhar ou vivenciar o que ele ordenou. Assim sendo, a prática do novo mandamento de Jesus (Jo 13,34) faz surgir uma nova identidade para os discípulos, fundamentada no amor que o próprio Jesus demonstra ao dar a sua vida pelos seus discípulos e sem esperar que fizessem o mesmo por ele naquele momento da sua entrega (Jo 13,38).

O v. 15 é a conclusão do processo salvífico iniciado em Jo 13,1: agora o verbo utilizado “digo” (λέγω)³ tem o valor declaratório em um contexto solene (HÜBNER, 2004, p. 174-175), dando ao seu duplo objeto direto um valor definitivo, que assinala uma realidade “pascal”, isto é, uma passagem para a amizade. O verbo λέγω é utilizado aqui com a mesma força que a LXX o emprega para narrar o ato criador de Deus em Gn 1,1-2,4a.

A expressão “e Deus disse” (καὶ εἶπεν ὁ θεός) destilada ao longo do relato criacional (Gn 1,3.6.9.11.14.20.24.26) dá ao verbo λέγω (digo) uma intensidade que deriva da concepção hebraica atribuída ao substantivo דָבָר (palavra) em Gn 1,1-2,4a, capaz de distinguir os elementos primordiais que compõem o caos para dele fazer surgir algo novo. No IV Evangelho esta mesma dinâmica é refletida no seu Prólogo por meio do uso do substantivo λόγος (palavra) que conota a natureza de Jesus no seio da divindade (Jo 1,1-2). É significativo que o anúncio da Boa Nova corresponda ao próprio Jesus, Palavra do Pai, fazendo do Evangelho não um conteúdo, mas uma verdadeira Pessoa divina que vem a cada fiel comunicando-lhe a salvação, isto é, a si mesmo.

Com isso, a utilização do verbo “digo” (λέγω) em Jo 15,15 traz consigo a semântica criacional capaz de mudar a condição primária dos discípulos à luz da Páscoa, fazendo-os “passar” a uma identidade nova. Jesus não estabelece a “passagem/páscoa” da servidão à liberdade – como ocorreu no Êxodo, após o sacrifício do cordeiro (Ex 12,1-14) – mas a mudança da servidão para uma outra situação melhor, ou seja, a passagem/páscoa da servidão para a amizade, desta vez realizada pelo sacrifício do verdadeiro cordeiro pascal, Jesus Cristo, reconhecido por João Batista (Jo 1,29).

A servidão pode ser compreendida no contexto de Jo 15, na medida em que Jesus está preparando os seus discípulos para a manifestação da glória do Pai (Jo 17,1-2). Estes deveriam, portanto, servir a Deus e a seu Filho manifestado em sua glória divina (ENG, 2021, p. 59-62), realizando uma autêntica “liturgia” no sentido etimológico do termo.

³ O verbo λέγω (digo) possui o sentido de “chamo” quando possui um duplo acusativo, como no caso de Jo 15,15: λέγω ὑμᾶς δούλους.

Contudo, a glorificação do Filho e do Pai produz a liberdade, que assume a expressão da amizade em Cristo. Esta passa a ser sinônimo de uma nova identidade pascal na liberdade, somente enquanto for a capacidade de cada um de dar a própria vida pelo próximo. Caso haja no discípulo apego à sua própria vida, não é possível falar de uma autêntica amizade cristã.

“Pois o servo não sabe o que faz o seu senhor” (Jo 15,15b): o processo pascal que caracteriza, de agora em diante, a amizade em Cristo é enriquecido pelo verbo “saber” ou “conhecer” (οἶδα) e seu correspondente γινώσκω, intimamente ligados no Evangelho joanino ao ato de amar e de crer (Jo 14,17; 15,15.21; 16,3.30; 17,25; 19,35; 21,15-17).

Contudo, o verbo “conhecer” possui uma nuance que o distingue do simples “saber”, associando o ato de conhecer ao aspecto da visão ou de uma “teoria” (originalmente “ver a Deus”) que, por outro lado é enriquecido pelo ato de saber, associado a um conteúdo a ser aprendido ou assimilado (HORSTMANN, 2004, p. 550). É possível falar de uma “visão” que leva ao conhecimento da Verdade, somente porque a Palavra se fez carne e “armou a sua tenda entre nós e nós *vimos* a sua glória” (Jo 1,14ab).

O processo pascal que leva o discípulo à condição nova de amigo é caracterizado no terceiro seguimento do v. 15 pelo verbo “dizer” (εἶρηκα) no tempo perfeito grego, cujo aspecto verbal merece a atenção do leitor atento do Evangelho joanino, pois o tempo perfeito pode ser considerado no Novo Testamento de uso singularmente específico e desejado voluntariamente pelo autor.

A característica do aspecto absoluto desse tempo verbal se destaca por uma interação entre a realidade interna e externa da ação produzida. Isso significa que a ação indicada está concluída, do ponto de vista externo, e, portanto, é compreendida em modo acabado. Os efeitos da ação perduram em modo contínuo até o presente do leitor do texto, indicando assim o seu aspecto interno, o que define o tempo perfeito grego como resultativo (BLASS; DEBRUNNER; REHKOPF, 1976, § 340).

Em Jo 15,15 verbo “dizer” (εἶρηκα) no tempo perfeito manifesta o efeito da nova condição dos amigos, outrora discípulos de Jesus, que entram em modo contínuo até o presente na intimidade do Pai, tal como Jesus a vive, dando a amizade em Cristo uma outra conotação, ou seja, a de intimidade com o Pai e com o Filho, elevando às relações internas das Pessoas divinas a condição de ser amigo de Jesus. Como consequência, o ser amigo constitui, de fato, uma nova natureza que se exprime pela participação na natureza divina, a divinização (Jo 1,12; 10,34-35).

Conclusão

A experiência humana ao reproduzir o mesmo ato de abertura em relação ao próximo, gera uma verdadeira comunhão de valores e metas entre os amigos, tendo como exemplo a amizade entre Davi e Jônatas, como cumprimento perfeito do amor ao próximo e capaz de motivar a reflexão sapiencial, em suas luzes e sombras. Os bons amigos também fazem a experiência de terem conhecido falsos amigos e a sabedoria bíblica exige do seu leitor a humilde atitude de discernimento para poder saborear o dom da verdadeira amizade, dado somente por Deus.

O Novo Testamento, por sua vez, testemunha o amor de Deus que não se contenta em amar o ser humano à distância, mas vem ao seu encontro como o Amigo por antonomásia. Nesse culminar da História humana, a criação e a aliança passam a ser sinônimo de amizade e os que cultuam a Deus não são mais servos, mas amigos, dando início a uma nova criação a partir da Páscoa. Com isso, a aliança passa a ser vivida no íntimo dos corações, de Deus e do ser humano, tornando realidade a profecia de Jeremias (cf. Jr 31,31-34).

Por esse motivo, quando a Sagrada Escritura dialoga com Aristóteles sobre o valor e o sentido da amizade, ambos concordam que “na comunhão está a amizade”, uma vez que “a amizade consiste sobretudo no amar”, pensamentos perfeitamente consonantes com o Evangelho joanino, que enriquece o conceito de semelhança/amizade, aplicado à relação entre Deus e o ser humano, graças à novidade da Páscoa de Cristo.

Referências

ARISTOTELE; FERMANI, A. (ed). *Le tre etiche*. Milano: Bompiani, Il Pensiero Occidentali, 2008.

AULD, Graeme. *I e II Samuel*. A Commentary. Louisville: WJK, 2011.

AVIZ, Darlan Aurélio. “*Não mais servos, mas amigos*” (Jo 15,15): Uma abordagem teológica da amizade à luz do mistério de Cristo. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/59876/59876.PDF>

BLASS, Friedrich; DEBRUNNER, Albert; REHKOPF, Friedrich. *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1976.

CARRACEDO, José Manuel Hernández. El discreto narrador. La ausencia de notas del narrador en los discursos de despedida del evangelio de Juan. *Estudios Bíblicos*, v. 80, p. 107-131, 2022.

CASSUTO, Umberto. *A Commentary on the Book of Genesis*. Part One. Skokie: Varda Books, 2005.

ENG, Daniel K. 'I Call You fiends': Jesus as Patron in John 15. *Themelios* v. 46, n. 1, p. 55-69, 2021.

HORSTMANN, Axel. οἶδα. In Balz, Horst; Schneider, Gerard. ed. *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 2004, p. 548-552.

HÜBNER, Hans. λέγω. In Balz, Horst; Schneider, Gerard. ed. *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 2004, p. 174-178.

KEENER, Craig. S. *The Gospel of John*. A Commentary. Grand Rapids: Baker Academic, 2003.

KEIL, Carl Friedrich.; DELITZSCH, Franz. *Commentary on Genesis*. New Zealand: Titus Books, 2014.

KONSTAN, David. *Friendship in the Classical World*. Cambridge: Cambridge Press, 1997.

OLYAN, Saul, M. *Friendship in the Hebrew Bible*. New Haven, London: Yale Univ. Press, 2017.

ROWE, Jonathan Y. *Sons or Lovers*. An Interpretation of David and Jonathan's Friendship. New York; London, 2012.

RZEPKA, Jacek. Jesus' Friends in John 15 and the Hellenistic Royal Court. *The Biblical Annals*, v. 4 , n. 12, p. 503-511, 2022.

STÄHLIN, Gustav. φιλέω. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. ed.. *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1968. v. 9. p. 113-169.

WÉNIN, André. *Da Adamo ad Abramo o l'errare dell'uomo*. Lettura narrativa e antropologica della Genesi. Bologna: EDB, 2008.

Artigo recebido em 08/06/2024 e aprovado para publicação em 21/06/2024

Como citar:

SILVA, Basílio da. "Vós sois meus amigos" (Jo 15,14): uma perspectiva bíblica sobre a amizade. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 13-23, jan./jun. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23i45-2024-1>